

A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA EM HENRI BERGSON*

THE CONCEPTION OF PHILOSOPHY IN HENRI BERGSON

Diôgo Costa Fernandes**

Resumo

O filósofo Henri Bergson (1859-1941) deparou-se, em seu tempo, com um crescente processo da mecanicidade da vida humana. Como consequência disso, há uma perda da fluidez da vida humana, característica que, segundo o autor, é fundamental para compreender o ser humano. Bergson, ao propor um modo de compreensão da Filosofia, oferece-nos uma possibilidade de superação de tal mecanicismo. Para isso, ele formula um método próprio para a Filosofia, fundado na intuição da duração. Ele também propõe uma diferenciação entre Filosofia e Ciência, a fim de mostrar que elas se destinam a funções diferentes, entretanto, sem distinção de valor entre elas. Um dos principais benefícios da concepção bergsoniana de Filosofia é a retomada da fluidez e mobilidade que são próprias da vida, superando o mecanicismo e oferecendo ao homem a possibilidade de um contato com a vida que proporciona maior alegria ao ser humano.

Palavras-chave: Bergson; Filosofia; Intuição.

Abstract

The philosopher Henri Bergson (1859-1941) encountered, in his time, with a growing process of human life mechanicalness. In consequence of this, there is a loss of the human life fluidity, this characteristic, according to Bergson, it is fundamental to understand the human being. Bergson, who proposed a way of Philosophy understanding,

** Graduando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Membro do Projeto de Pesquisa *Bergson e nosso tempo* pela mesma instituição. Contato: diogosj@yahoo.com.br.

offers us a possibility to overcome that mechanism. For that, he formulated an own method for the Philosophy and it is founded on the intuition of the duration. He also proposes a differentiation between Philosophy and Science, in order to show that they reserve to different functions, however without difference of value between them. One of the main benefits of the Bergsonian conception of Philosophy is the recapture of fluidity and mobility that are proper to life, overcoming the mechanism and offering to the man the possibility of contact with the life that provides more joy to human being.

Keywords: Bergson; Philosophy; Intuition.

1. Introdução

O filósofo Henri Bergson¹, dentre as suas diversas contribuições não só à academia, mas à humanidade, ofereceu uma reflexão sobre a Filosofia, apresentando-a como um modo profundo pelo qual o ser humano significa sua própria existência. Isso se mostra importante, principalmente diante do problema da mecanicidade da vida. Segundo o autor, a vida do homem tem se tornado cada vez mais mecânica, perdendo a fluidez que lhe é própria, em sua constante apresentação como novidade. Este artigo tem por objetivo apresentar como o filósofo em questão concebe a Filosofia. Acreditamos que essa percepção da Filosofia elaborada por Bergson oferece uma chave de leitura desse problema.

Ao tocar nesse assunto, o autor tem como pano de fundo sua originalidade filosófica: a intuição da duração. Na seção 2 desse trabalho, abordaremos a compreensão da intuição e da duração, relacionando essas doutrinas. A intuição, na medida em que é a simpatia, a identificação da pessoa com algo da realidade ou um fato da vida, permitiu a Bergson perceber que há uma unidade na realidade, que as coisas são na duração e que a vida é um escoamento contínuo de novidade, evitando assim uma fragmentação da vida que pode conduzir à mecanicidade da mesma.

Na seção 3, buscaremos uma distinção entre intuição filosófica e inteligência. Para o autor, a primeira se vincula com a Filosofia e a segunda se vincula com a Ciência e isso nos sugere uma diferença metodológica entre esses dois campos de saber. Com isso,

1 **Henri Bergson** nasceu em Paris em 1859. Estudou na École Normale Supérieure de 1877 a 1884 e passou os dezesseis anos seguintes como professor de filosofia. E 1900 tornou-se professor no Collège de France e, em 1927, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. Bergson morreu em 1941. Além de suas quatro obras maiores [*Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), *Matéria e Memória* (1896), *Evolução Criadora* (1907) e *Duração e Simultaneidade* (1922)], escreveu também *O riso* (1899), *Energia Espiritual* (1919) e *O pensamento e o movente* (1934). Seus cursos e uma parte de sua correspondência foram publicados posteriormente, além de um volume de Escritos Filosóficos (ainda não traduzido ao português).

Filosofia e Ciência se voltam para a realidade, mas guardando suas diferenças de método e de objeto. A inteligência, diferentemente da intuição, destaca as coisas da mobilidade, da duração para que possam ser rearranjadas, formando assim um mundo humanamente habitável. Essa reorganização das coisas sugere que elas são fragmentadas pela inteligência, o que Bergson não considera como algo negativo.

Também abordaremos nessa seção as diferenças entre Filosofia e Ciência. Tais diferenças se dão, principalmente, no método por elas assumido e na finalidade a que elas se destinam. O problema da mecanicidade da vida se torna visível na confusão e transposição de métodos e objetos entre esses campos de saber. Quando o homem transpõe o método da Ciência à Filosofia, ele fere a mobilidade que é própria da vida humana. A Ciência retira as coisas da duração e as fragmenta, visando uma reorganização. Mas a vida interior, os estados da consciência não se comportam desse modo. Apresentaremos, então, as distinções que o autor faz em relação à Filosofia e Ciência, intuição e inteligência, para marcar o campo de atuação de cada área e assim evitar mal-entendidos.

Na seção 4 desse trabalho, abordaremos algumas implicações diretas desse modo de compreender a Filosofia e sua relação com a Ciência. Em especial, apontaremos os benefícios da atividade filosófica quando está em consonância com a duração. Também apresentaremos a positividade que pode haver na relação entre esses dois campos do saber humano, além de perceber que a relação da Filosofia com a vida humana, pensada segundo Bergson, é uma relação de fecundidade.

2. Intuição e Duração

O tema da *intuição* é amplamente tratado por Bergson e se encontra nas bases de seu pensamento. Essa doutrina tem por objetivo a formulação de um conhecimento da realidade. Ela é um modo característico de contato com o real que, segundo o autor, permite conhecer o que, de fato, as coisas são. A intuição se volta tanto para o conhecimento do mundo físico, quanto para o conhecimento de coisas não materiais, como a ética, a moral, a religião. Esse processo da intuição se dá, no dizer de Bergson, na "*simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único e, por conseguinte, de inexprimível*" (Id., 2006, p. 187). Ela é, então, esse movimento do espírito que coincide com aquilo que as coisas são. Essa simpatia se dá por um esforço do espírito², conduzido a cada novo objeto a ser conhecido.

2 BERGSON, 2006, p. 101.

Notamos que o tema da mobilidade é de grande importância para Bergson e, por isso, ele caracteriza a intuição como uma simpatia que coincide com a coisa e não como reconstrução da mesma. Daí podemos notar que a intuição também é traduzida em um esforço, pois para cada coisa e problema há a necessidade de nova intuição³. Ao mesmo tempo que é requerido um esforço para se chegar à intuição ela também é simples. Por simples podemos entender que ela é algo irreduzível e não fragmentável, visto que se insere na mobilidade contínua. Daí se segue, também, sua característica de ser única. Por ela, entramos em contato com o que há de singular em cada coisa e o autor também afirma que esse singular é inexprimível, no sentido que nossa linguagem não consegue traduzir adequadamente essa unicidade, porque não há palavras para descrevê-la.

Para Bergson, a realidade flui. É nesse fluir da realidade, que pode ser intuída, que Bergson nos comunica a *duração*: "Ao invés de estados contíguos a estados, que se tornaram palavras justapostas a palavras, eis a continuidade indivisível e, por isso mesmo, substancial fluxo da vida interior" (BERGSON, 2006, p. 29). O tema do fluir dá ideia de crescimento indiviso, pois nos deparamos com um passado que se prolonga ininterruptamente no presente e este avança ao futuro⁴. É nesse panorama que a intuição é da duração e que podemos dizer que ela se caracteriza por um conhecimento imediato, pois ao simpatizar com aquilo que determinada coisa é, entramos em contato com algo indiviso⁵, com o passado que se prolongou até o momento presente como um escoamento contínuo e sempre novo.

Bergson vincula intuição diretamente com a duração. Para ele, pensar intuitivamente é o mesmo que pensar em duração⁶. O que antecede a doutrina da duração é a dificuldade encontrada pelo autor no que diz respeito à espacialização do tempo. Para ele e em geral, vivemos e concebemos a realidade a partir de um processo de espacialização, ao modo cartesiano matemático de lidar com o conhecimento. O real é espacializado, fragmentado, como fatos que se justapõem. As experiências humanas, o conhecimento humano são concebidos como fragmentos que se seguem, dando uma ideia de movimento, mas uma falsa ideia. Para o autor, isso é um modo errôneo de perceber a realidade⁷. A esse problema se faz importante a intuição da duração, pois é justamente a partir dela que a realidade é compreendida como mobilidade, um fluir ininterrupto em direção à

3 Ibid., p.101. A intuição também se mostra como o método de conhecimento do espírito.

4 BERGSON, 2006, p. 29.

5 Essa ideia de intuição como conhecimento imediato é comentada por Frédéric Worms. Ver em: WORMS, *Le vocabulaire de Bergson*, 2000, p.37-38. Ele cita: "L'intuition est donc la connaissance immédiate, em toute chose, de la durée comme réalité ultime".

6 Ibid, p. 32.

7 Ibid, p. 3-11.

novidade, sem justaposição de fatos, uma continuidade não fragmentada e que se move em direção a uma imprevisibilidade⁸. É próprio da intuição da duração perceber as coisas no movimento contínuo, diferenciando-se da inteligência, que será tratada posteriormente. A imobilidade é como que uma abstração, uma tentativa de recomposição do movimento a partir de pontos fixos. Essa recomposição nunca será o movimento mesmo, permanecerá pontos que se justapõem. Podemos, então, levantar uma característica da duração que é a fluidez que caminha sempre em direção ao novo e que é imprevisível. Se nos deparamos com a impossibilidade de recompor o movimento, maior ainda é a impossibilidade de prever o seu curso. A intuição tem como objetivo a visão direta do espírito pelo espírito⁹ e isso nos permite um contato com a realidade presente, mas que está impregnada de um passado que durou até o momento da intuição.

Ao tratar do tema da duração, Frédéric Worms (2000, p. 21) levanta alguns aspectos importantes dessa doutrina bergsoniana. Ele trata da oposição entre essa doutrina e a concepção de um tempo que seja fragmentado, espacializado. A decomposição do tempo mostra nada mais que a ausência da própria intuição da duração. Apesar de ser útil para a organização do mundo, um tempo espacializado não nos fornece a possibilidade de conhecer as coisas como elas são em seu constante fluir criativo, quanto mais a própria interioridade humana.

Ainda na tentativa de descrever a duração, Bergson apresenta um paralelo entre ela e a consciência humana¹⁰. Nossos estados interiores estão intimamente vinculados uns com os outros a tal ponto que não há como determinar onde um deles termina e o outro começa. Como diz o autor: "*Na realidade, nenhum deles começa nem acaba, mas prolongam-se todos uns nos outros*" (BERGSON, 2006, p. 189). Se há esse contínuo prolongamento dos estados interiores também podemos dizer que eles não se repetem, pois no atual estado há esse escoamento dos anteriores. Assim, quando falamos de duração, podemos também falar de uma duração interior, um constante fluir da vida que não pode ser medido e que na realidade se manifesta como unidade.

Para abordar essa ideia de um interior que dura, o autor utiliza duas criativas imagens mediadoras. Ele nos fala do espectro de mil matizes de cores, em que podemos passar de uma cor para outra, em que a cor precedente anunciaria a seguinte e resumiria em si todas as anteriores. Ele também nos diz que a duração e a

8 Ibid, p.146.

9 BERGSON, 2006, p.45,

10 Esse tema é amplamente trabalhado pelo autor. Aqui nos deteremos em mostrá-lo como exemplificação para uma melhor compreensão da duração. Para aprofundar nesse assunto ver: BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70. 1988.

interioridade se assemelham a um elástico. Considerando que inicialmente ele está reduzido a um ponto matemático, podemos esticá-lo indefinidamente. Nesse movimento de distensão podemos ver a imagem da duração, sem fragmentação em pontos, um movimento de continuidade ininterrupta. Podemos olhar para a linha que é traçada, mas somos convidados a observar a ação que traça tal linha. Se nos fixamos nessa ação, captaremos seu movimento de contínua duração em direção à novidade, mas se olhamos para a linha traçada perderemos de vista o mais importante e tentaremos compreender o percurso realizado por um processo de espacialização do mesmo. Mas essas metáforas ainda são insuficientes para dar conta desse escoamento da duração. A primeira ainda supõe uma justaposição e a segunda não abarca a diversidade de experiências que permeiam a vida interior¹¹.

3. A Filosofia e a Ciência

Nesta seção, tematizamos algo da intuição e da duração. Além de apresentar esses pontos-chave do pensamento de Bergson, preparamos caminho para aplicá-los à *Filosofia*, a fim de compreender como o autor a concebe. Nosso artigo, agora, terá por objetivo a assimilação da intuição ao pensamento filosófico, buscando características da *intuição filosófica* que poderão fornecer uma visão bergsoniana da Filosofia. Visando a um melhor aprofundamento nesse assunto, também apresentaremos a compreensão do autor sobre a *inteligência* e sobre a *Ciência*. Acreditamos que tematizar esses campos pode nos auxiliar a compreender melhor a Filosofia, visto que também são meios pelos quais o homem produz conhecimento. A relação entre Ciência e Filosofia, segundo o autor, tem se apresentado problemática em alguns casos, principalmente quando suas fronteiras metodológicas não estão bem demarcadas. Isso pode acarretar prejuízos ao ser humano, na medida em que a vida humana passa a ser tematizada com os critérios científicos. Abordaremos, também, essa relação e como ela poderia ser purificada.

Vimos, até então, que a intuição é a via que nos permite, por um esforço do espírito, simpatizar com as coisas e com nossa própria interioridade e percebê-las na duração. Isso nos possibilita um conhecimento da realidade naquilo que ela tem de único. Esse é um modo de contato com o mundo. Dizemos contato porque nos referimos ao aspecto experiencial da intuição, como um "contato", que conhece mas deixa escapar algo, que se traduz em linguagem mas não o esgota. Voltando ao termo *espírito*¹², podemos

11 BERGSON, 2006, p. 189-191.

12 WORMS, 2000, p.25-26.

compreender que Henri Bergson nos fala da faculdade de conhecer que brota da interioridade da vida humana. É a via de conhecimento da realidade que tem acesso à intuição, pois o próprio espírito está inserido na duração. Essa inserção se dá pelo fato do prolongamento contínuo do passado no presente salvaguardado pela memória, que é uma função do espírito. O autor não apresenta o espírito como uma substância abstrata ou fixa, mas como uma força de ação. Sem o dinamismo do espírito seríamos incapazes de nos inserir na duração e perceber a realidade em seu constante devir. A inteligência, também como função do espírito, permite-nos outro modo de contato com o real.

3.1 A Inteligência

A inteligência, segundo Bergson, é um avanço em relação aos seres puramente instintivos. Ela, além de distinguir os homens dos demais seres vivos, permite-lhes organizar o mundo e nele sobreviver. A função da inteligência é auxiliar o homem no desenrolar da vida. Naturalmente, ela se destina a isso, não a compreender o sentido da vida¹³. A inteligência se volta para a matéria, para o mundo. Bergson chega a comparar que ela foi dada ao ser humano como o instinto foi dado à abelha¹⁴. Enfim, a inteligência permite uma compensação do fato de não sermos seres puramente instintivos. Graças a ela, criamos mecanismos que nos protegem assim como o instinto é um mecanismo natural protetor da vida animal. Vale notar que ela também é uma função espiritual, assim como o é a intuição. O espírito é a realidade abrangente que, por um lado, analisa o mundo e, por outro lado, o apreende de modo global, em uma unidade que dura. É perceptível que o autor valoriza a inteligência como um modo humano de estar no mundo, que nos permite utilizar dele para garantir nossa sobrevivência. Se o homem é capaz, por exemplo, de habitar em locais considerados inóspitos é devido ao fato que ele, por manipular a matéria, cria condições que lhe permitem o que naturalmente lhe era impossível.

Outra característica da inteligência é que ela se relaciona com a imobilidade. Para organizar o mundo e manipular a matéria, ela destaca as coisas da duração e reflete sobre elas, tendo como princípio a imobilidade. Há a necessidade de certa estabilidade para que a inteligência possa encontrar e estabelecer leis, regras que sirvam a seu propósito. A nossa inteligência “[...] substitui o contínuo pelo descontínuo, a mobilidade pela estabilidade, a tendência em via de mudança pelos pontos fixos que marcam uma direção da mudança e da tendência.” (BERGSON, 2006, p. 219). Esse modo de proceder

13 VIEILLARD-BARON, 2007, p.66.

14 BERGSON, 2006, p.87.

da inteligência conduz o ser humano em direção à ciência, à técnica. Como a Ciência tem origem no desenvolvimento da inteligência, ela também se volta para a matéria, sistematizando um conhecimento humano da matéria.

Por método, as ciências delimitam suas pesquisas, estabelecendo um início e um fim do objeto a ser pesquisado. Elas buscam e demarcam constantes na matéria, a fim de encontrar uma regularidade em que possam se apoiar. Ciência está intimamente ligada à ação¹⁵. No afã de organizar o mundo, o homem se pergunta o que deve ser feito para atingir determinado resultado. Nesse momento ele retira a matéria da duração, instalando-a na imobilidade. É próprio das ciências a análise. A inteligência científica parte de um ponto e passa por vários outros pontos que ela fixou, estudando a matéria para recolher as condições necessárias para a realização de determinado fenômeno. Essa operação da inteligência se dá sobre o imóvel, em que se supõe que as posições do móvel são partes do movimento. Entretanto, esses pontos do móvel são supostamente estabelecidos, o valor atribuído a eles é o de serem símbolos, mas não a própria realidade¹⁶. Frédéric Worms¹⁷, em seus estudos sobre as obras de Bergson, destacou três aspectos que podem caracterizar as ciências: sua finalidade e origem na natureza humana, destacando seu efeito prático e sua relação com a inteligência; seu método e estrutura, com a finalidade de assegurar precisão e controle; seu objeto, que é delimitado e deve estar de acordo com o método adotado. A ciência preside, então, o conhecimento das estruturas da matéria.

3.2 Intuição filosófica e imagem mediadora

Voltando agora nossa reflexão para a intuição filosófica, também ela é considerada um modo de conhecimento das coisas, mas que procede diferentemente da inteligência. O que caracteriza a intuição filosófica é que ela é o conhecimento da realidade, mas que se dá na duração. A intuição filosófica é esse contato com o que há de único na realidade e que o filósofo, em determinado momento de sua reflexão, percebeu. Ela também preside um conhecimento da matéria e do ser humano, mas um conhecimento que parte do interior das coisas, que se dá na mobilidade. “Desçamos então para o interior de nós mesmos: quanto mais profundo for o ponto que tivermos alcançado, mais forte será o ímpeto que nos devolverá à superfície. A intuição filosófica é esse contato, a filosofia é esse elã vital.” (BERGSON, 2006, p. 143-144).

Um filósofo que teve determinada intuição sobre algo da

15 BERGSON, 2006, p. 144.

16 Ibid., p. 211-212.

17 WORMS, 2000, p.58.

vida ou da matéria atingiu o que poderíamos considerar como uma simplicidade. Quando buscamos nos instalar no pensamento de um filósofo com o interesse de compreendê-lo, nos enveredamos na tentativa de voltar a essa intuição que ele teve. Bergson insiste que a intuição filosófica é algo simples¹⁸, tão simples que o filósofo nunca conseguiu dizê-lo. Todo trabalho do filósofo consiste em tematizar essa intuição que teve, mas quanto mais desenvolve seu pensamento, mais sente a necessidade de corrigi-lo, pois reconhece que ainda não conseguiu expressar o que intuiu. Toca-se, novamente, na dificuldade de expressar a intuição filosófica. O que é possível de se alcançar é uma aproximação crescente do que foi intuído, guardando ao filósofo a característica da “[...] incomensurabilidade entre sua intuição simples e os meios que dispunha para exprimi-la.” (BERGSON, 2006, p. 125).

Mas não é porque o filósofo esbarra na dificuldade de expressar sua intuição que seu discurso filosófico será considerado inútil¹⁹. Entre a complexidade de seu discurso filosófico e a simplicidade da intuição há o meio termo da imagem mediadora. Ela nos permite maior proximidade com a intuição do que quando esta é formulada em conceitos²⁰. Visando a expressabilidade da intuição, teríamos dois modos para expô-la: os conceitos e as imagens. O sistema filosófico se desenvolve em conceitos que se apoiam na tradição filosófica, mas ele se aproxima mais da intuição quando se condensa em uma imagem. Porém, se nos esforçarmos por ultrapassar as imagens que poderíamos alcançar de determinada intuição, recairíamos em novos conceitos que se tornariam mais vagos e mais abstratos²¹.

A Filosofia se caracteriza por possibilitar esse conhecimento da realidade e do próprio ser humano, na tentativa de buscar sentido para a existência. Esse tipo de conhecimento não pode ser fornecido pela inteligência, pois ela se volta para a matéria em seu aspecto organizacional e constitutivo. Poderíamos dizer que o método que orienta a Filosofia, diferente do método da Ciência, é o caminho que o filósofo escolhe para expressar sua intuição. Quanto melhor ela for exposta pelo filósofo, mais sustento terá seu pensamento filosófico²². O modo pelo qual Bergson compreende o método se baseia mais na capacidade de fazer perguntas do que dar explicações, pois os conceitos são fixos, mas questões bem elaboradas podem evocar com mais facilidade as imagens mediadoras²³. O autor também percebe

18 Há uma insistência de Bergson em apontar a simplicidade da intuição filosófica. Esse simples não se confunde com algo “simplista”, não é carregado de uma carga negativa, mas é algo que não pode ser decomposto nem retirado da duração. Ver: BERGSON, 2006, p. 125.

19 VIEILLARD-BARON, 2007, p. 72.

20 BERGSON, 2006, p. 125-126.

21 BERGSON, 2006, p. 138.

22 Ibid., p.142.

23 LEOPOLDO, 1994, p. 29.

que uma grande dificuldade da Filosofia está na má colocação dos problemas filosóficos, principalmente quando se filosofa com as estruturas e características que são próprias da Ciência. Ele afirma que problemas filosóficos bem colocados estão muito próximos de encontrar solução, que há quase uma equivalência entre a posição e solução de um problema²⁴. Pensar em um método para a Filosofia é pensar no caminho que leva ao conhecimento da realidade inserida na duração. O meio para se chegar a esse saber é a intuição filosófica.

3.3 O homem e a vida mecânica

Após ter demarcado as fronteiras entre Filosofia e Ciência, no pensamento de Bergson, podemos nos voltar para um problema que ele detecta na sociedade de seu tempo e que ainda se faz atual: a vida humana tem se tornado cada vez mais mecânica. A chave de interpretação²⁵ para tal situação da vida humana é oferecida quando o autor percebe que o homem está se tornando exterior a si mesmo. Há maior familiaridade com a matéria do que com o espírito, com a interioridade: “[...] *nosso espírito, aqui, está como que estrangeiro, ao passo que a matéria lhe é familiar e que, nela, ele se sente em casa*” (BERGSON, 2006, p.44). Bergson nos diz que a própria natureza, na possibilidade de ser modelada pela inteligência, desvia o espírito do espírito, fazendo com que ele também se volte para a matéria. Isso traz prejuízos para a vida humana, pois a interioridade do homem passa a ser considerada com as mesmas categorias e métodos com que o ser humano modela o mundo. O sentido da vida passa a ser tratado mais pela inteligência que pela intuição. A consequência disso é que a vida será pensada fora da duração e, desse modo, tenderá à artificialidade e mecanicidade. Essa situação artificial atinge o homem, levando-o a projetar para sua interioridade as características da exterioridade. Ao pensar, por exemplo, nos estados interiores da consciência²⁶, ele é levado a transpor a mesma relação com a matéria para esses estados, caindo no processo de análise interior em que os estados passam a ser percebidos como uma justaposição de fatos isolados, sem uma continuidade entre eles. Isso permitiria uma quantificação desses estados, na mesma medida

24 BERGSON, 2006, p. 54-55.

25 Bergson alude a algumas dificuldades encontradas ao pensar a vida humana somente a partir da inteligência e, conseqüentemente, do método científico. A artificialidade se encontra no fato de que é pela intuição que poderia alcançar um conhecimento interior da vida humana e sentido da vida, o que não pode ser dado pela inteligência. Ver: BERGSON, 2006, p. 44-45.

26 Esse trecho traz em síntese a ideia trabalhada por Bergson no livro *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Nesse livro, o autor trabalha o tema da duração inserida na vida interior, na consciência, demonstrando que caímos no problema do determinismo humano na medida em que consideramos os estados interiores fora da mobilidade do real. Nesse livro ele conclui que a liberdade está presente na humanidade e que o determinismo é fruto de um problema mal colocado. Ver: BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.

em que quantificamos a matéria. Outro fator que surge daí é uma ideia de determinismo da vida interior, pois seria possível pensar que, do mesmo modo que estabelecemos leis para a matéria, que fixamos seus pontos de constância, poderíamos prever os estados interiores quando tivéssemos a condição de conhecer todos esses estados isoladamente e perceber que determinado estado estimula determinada ação ou outro estado. Com isso, não haveria liberdade na vida humana, mas relações deterministas. Contudo, a vida humana também está imersa na duração e não se comporta desse modo pelo qual a Ciência está acostumada a se relacionar com a matéria. Esse é um exemplo de que muitos problemas podem surgir quando há essa confusão de métodos e quando a duração é desconsiderada.

A inteligência, quando trabalha no mundo, tende a estabelecer as coisas em conceitos fixos para que, com isso, consiga analisá-los. Os conceitos são como fotografias estáticas da realidade móvel. Uma dificuldade humana que surge está no fato de não se levar em consideração a duração das coisas e, a partir daí, buscar uma reconstrução da mobilidade do real com esses conceitos fixos que foram estabelecidos²⁷. Aí está a artificialidade. Pensar que a realidade consiste nessa construção humana de fatos que se justapõem é um erro. Isso se assemelha a um filme, cujas imagens se sucedem dando a impressão de movimento, mas que na verdade são pontos fixos que poderiam ser acelerados ou desacelerados, vistos e revistos²⁸. Ainda assim seria o mesmo e previsível filme, que não nos traria nada de novidade, que em nada se aproxima da verdadeira mobilidade. Se pensarmos em duração, ao contrário, o fato do filme da vida acelerar-se mudaria seu conteúdo.

Mas notar essas coisas não significa que Bergson desconsidere o valor da Ciência. Ele, ao contrário, tem um apreço pelas ciências. Ele acredita que elas não podem ser desprezadas, pois são fundamentais para a vida do homem de hoje. O grau de evolução que foi atingido pelo homem acompanha também o desenvolvimento da inteligência humana. O autor acredita que o conhecimento da Ciência, assim como o da Filosofia "podem tocar o fundo da realidade"²⁹. Então, é possível afirmar que o conhecimento da Ciência não é meramente relativo, quando se trata de conhecimento da matéria. O que ela faz é partir da intuição do que não é espiritual e desenvolver suas análises e leis testadas empiricamente no sentido de um maior controle da materialidade. Se ela não o consegue hoje em todos os campos das diversas expressões da Ciência, isso não significa que ele não possa ser alcançado com o desenvolvimento da mesma.

27 BERGSON, 2006, p. 220.

28 Ibid., p. 11.

29 Ibid., p. 35.

Mesmo sendo um conhecimento de grande importância para a vida humana, Bergson reconhece alguns pontos de fragilidade e faz uma crítica à concepção clássica de uma autossuficiência da inteligência. No afã de construir um mundo humanamente habitável, a inteligência passa a organizar o mundo, fabricando instrumentos que auxiliam a vida, organizando a matéria. Mas o conhecimento que ela propõe é incompleto e essa incompletude se dá por aquilo que ela, muitas vezes, nega e não por aquilo que ela afirma. Ao desconsiderar o que não é matéria, ela falha na tentativa de dar significados. Podemos elencar como exemplo a Biologia. Ela pode muito bem dizer sobre o funcionamento do corpo humano e sua constituição, mas ela não consegue dizer qual é o sentido da vida humana. A dificuldade é pensar que a realidade é apenas material³⁰. Quando a intuição é desconsiderada as estruturas do sentido das coisas perdem o aspecto de unidade com o todo da realidade, transportando essa micro relação de justaposição da matéria para uma macro relação de justaposição da realidade.

Também a linguagem colabora com o fator da imobilidade fixada pela inteligência. Esta, ao passo que estabelece o conhecimento por julgamento, atribui predicado a um sujeito. Quando um sujeito é nomeado, ele é determinado na invariabilidade, pois um ponto fixo é afirmado e vários outros são negados para que se respeite a afirmação feita. Bergson diz que a ideia de variação do sujeito no juízo acontece na diversidade dos estados que dele são afirmados³¹. *“Procedendo assim por oposição de um predicado a um sujeito, do estável ao estável, seguimos a inclinação de nossa inteligência, conformando-nos às exigências de nossa linguagem e, para dizer tudo, obedecemos à natureza”* (Id, 2006, p.77). Nessa relação de sujeito-objeto, que é estabelecida no juízo, pela inteligência, o autor nos adverte de um problema: nossas atividades sociais, que são vinculadas ao espírito, tais como a relação entre pessoas, relações familiares, expressões culturais e religiosas são abordadas pela inteligência como predicados de sujeitos. Corremos o risco de objetivar as pessoas e a nós mesmos, tornando-nos substâncias invariáveis, o que não está de acordo com a realidade humana quando é concebida pela intuição³². Se assim o fosse, teríamos dificuldade de conceber a própria liberdade do agir humano, pois estruturas fixas e invariáveis beiram às relações deterministas.

30 VIEILLARD-BARON, 2007, p. 64-66.

31 BERGSON, 2006, p. 76-77.

32 Ibid., p. 78.

3.4 Filosofia e Ciência: distinções de método

Ao levar a duração em consideração, o homem pode suprir essa deficiência da inteligência mal direcionada. Se por um lado afirmamos que a inteligência toca um dos lados do absoluto, a intuição toca outro, proporcionando um conhecimento integrado da realidade. Esse outro modo de conhecer a realidade também é uma função da Filosofia. Vale notar que Bergson equipara os termos "Filosofia" e "Metafísica". A *Metafísica* é descrita como "[...] a ciência que pretende passar-se de símbolos" (*Id.*, 2006, p.188), ou seja, que utiliza a intuição como método que conduz ao conhecimento inserido na mobilidade, não procedendo como a análise. A intuição filosófica é uma intuição metafísica.

Outra característica da Metafísica é que, como a Ciência, ela possui um objeto determinado. Já a Ciência, como a Metafísica, também atinge um absoluto³³, no sentido de que o conhecimento por elas proposto não é relativo, mas progressivo. Isso não esteve tão claro assim ao longo da história do pensamento filosófico. Há uma questão de nomenclatura notada por Bergson em que ele percebe que a Metafísica poderia ser chamada de Ciência, na medida em que parte da experiência, mas que a Ciência também poderia ser chamada de Metafísica, ao passo que também atinge um conhecimento absoluto³⁴. A relação de complementaridade entre elas é tamanha que ele conceberia essa equivalência de nomes. Contudo, não afirmamos que elas sejam idênticas. Muito pelo contrário, elas se complementam. Não poderíamos falar em igualdade porque elas se diferem no método e no objeto. Alias, diferem segundo o método porque possuem objetos diferentes: a Ciência, a matéria; a Metafísica, o espírito. A Metafísica, trabalhando com a intuição, volta-se para o conhecimento do espírito, inserido na mobilidade. A Ciência, utilizando a inteligência trabalha na construção do mundo. Bergson ainda diz sobre a relação entre elas:

"Acreditamos que são ou que podem torna-se igualmente precisas e certas. Ambas versam sobre a própria realidade. Mas cada uma delas guarda apenas metade dessa realidade, de modo que se poderia ver nelas, indiferentemente, duas subdivisões da ciência ou dois departamentos da metafísica, não fosse pelo fato de marcarem direções divergentes da atividade do pensamento." (*Id.*, 2006, p. 46).

Em seus estudos sobre as obras de Bergson, Franklin Leopoldo e Silva nota que a Filosofia encontrará sucesso em sua

33 WORMS, 2000, p. 45.

34 BERGSON, 2006, p. 46.

reflexão no momento em que considere os resultados das ciências³⁵. Isso faz parte do método adotado por Bergson e aplicado em sua filosofia. Mas essa aproximação nem sempre é fácil. Um dos fatores que mais dificulta a interação entre Filosofia e Ciência é que elas, muitas vezes, não consideram aquilo que têm em comum: a experiência da realidade. *"Somente com o estabelecimento nítido da diferença metodológica é que ciência e filosofia poderão compartilhar o campo da experiência integral da realidade."* (LEOPOLDO, 1994, p. 48). Grande parte de problemas filosóficos e de pontos que as ciências não consideram se dão por uma inadequação do método e por não considerarem o que têm em comum.

Pensar que Ciência e Filosofia (Metafísica) se diferem principalmente na questão metodológica, que a primeira atinge o conhecimento da matéria, a segunda o conhecimento do espírito e que elas se complementam nos conduz à noção de que não há diferenças de valor entre elas. Por um tempo, a Filosofia era tida como superior às diversas expressões científicas e se dava ao luxo de considerar seu conhecimento como superior aos demais. Já com a Modernidade, a Ciência, tendo como paradigma as expressões da Matemática e da Física, trouxe seu conhecimento como o único verdadeiro porque pode ser verificado através de experimentos. Na filosofia bergsoniana há uma ruptura com esse tipo de pensamento. Não há uma diferença de valor entre a Metafísica e a Ciência³⁶. Os dois saberes que provêm delas são igualmente importantes e compõem esse absoluto do conhecimento da realidade. O saber que a Filosofia propõe não é mais alto, ele só parte de outra via de conhecimento. O conhecimento da Ciência não é mais seguro somente porque se volta para a regularidade da matéria. No fundo, o que Bergson sugere é que a Ciência ganha o estatuto metafísico de conhecimento da realidade em seu aspecto material e que a Metafísica, como conhecimento do espírito, ganha da Ciência o caráter progressivo de um conhecimento experiencial.

3.5 A relação entre Filosofia e Ciência

Atualmente, percebemos o valor e a confiabilidade que a Ciência tem adquirido e isso é fruto do desenvolvimento de nossa capacidade intelectual. As conquistas alcançadas abriram incontáveis possibilidades para o homem e não é esse o ponto questionado por Bergson. O que ele levanta é que ao lado da inteligência, há outra faculdade de conhecimento que gera outro conhecimento igualmente válido e necessário à vida humana³⁷. O que tem acontecido, com frequência, é que a Ciência, ao se colocar como modelo e fonte única

35 LEOPOLDO, 1994, p. 46.

36 BERGSON, 2006, p. 35.

37 Ibid., p. 89.

de conhecimento válido, desconsidera o que não é matéria e o que ela não pode pesquisar, pois nem tudo na vida humana é matéria. Mas não é porque algo foge da alçada do que é tido por científico que deixa de ser importante ou menos válido. Nesse ponto, a intuição pode corrigir a inteligência. Não corrigir o seu método ou contestar os resultados de suas pesquisas, mas alertar que ao lado da inteligência há outro modo de compreensão do real, que ele não se reduz apenas ao material. Quando a Filosofia sinaliza que há algo a mais que a materialidade e que isso é importante para o desenvolvimento da vida ela já corrige a inteligência. Ela impede, por exemplo, que se forneçam interpretações "materialistas" do que é propriamente espiritual, como é o caso da moral e da religião. Mas não basta só corrigir, ela corrige e completa. A intuição nos permite simpatizar com as coisas e compreender delas o seu sentido que não é dado na materialidade³⁸. É de se esperar um reconhecimento mútuo da validade do conhecimento proposto por essas duas faculdades humanas, garantindo assim uma vida mais integrada com a realidade.

Por outro lado, o filósofo foi e ainda é o possuidor da ciência universal. Sobre isso devemos entender que não há nada que o filósofo não possa estar em condições e abertura para aprender³⁹. Mas essa afirmação não se trata de criação de conhecimento, mas apreensão de outros saberes, inclusive os que são formulados pelas diversas ciências. Muitas vezes essa vocação de abertura à diversidade de conhecimentos foi entendida como superioridade por parte dos filósofos. Há uma pretensão de ultrapassar os resultados obtidos pelos cientistas, supondo que os resultados de suas pesquisas poderiam ser elevados a valores mais puros de conhecimento e universalidade. Mas isso é injurioso tanto para a Ciência, como para o cientista. Este, com esforço e dedicação, muitas vezes após anos de estudos e pesquisas, diz que o conhecimento científico, iluminado pela razão, inicia-se aqui e termina ali. Não é o filósofo que, com esses resultados laboriosamente conquistados pelos cientistas, ultrapassará esses limites e oferecerá um conhecimento mais universal⁴⁰. Aqui se confunde a vocação de abertura à multiplicidade de saberes com a ampliação de um conhecimento que foi intencionalmente delimitado. Não é tarefa da Filosofia fazer essa generalização das conquistas da Ciência.

É possível, agora, compreender porque o autor insiste na aproximação entre Ciência e Filosofia. Ele acredita que elas devem trabalhar juntas e que elas se encontram, mas partindo de diferentes lugares, a saber, uma partindo do exterior, da matéria e outra partindo do interior, do espírito. Ele chega até a dizer que a Filosofia

38 VIEILLARD-BARON, 2007, p. 66-67.

39 BERGSON, 2006, p. 140.

40 Ibid., p. 140-141.

deveria se deixar modelar pela Ciência⁴¹. Isso não significa relação de superioridade, o que Bergson quer dizer com isso é que a Filosofia se encontra com a Ciência, mas partindo do interior e que os resultados da investigação filosófica devem ser confrontados com os das ciências naquela fronteira em que matéria e espírito se tocam. É isso que Bergson faz em *Matéria e Memória*⁴²: a Ciência nos mostra um sistema nervoso que se arma para a ação diante de estímulos do mundo. A Filosofia compreende então a percepção como função da ação, corrigindo a intuição metafísica de que há consciência que apreende o mundo e o conhece. Nesse sentido é que ela deveria ser moldada pela Ciência, não para querer ir além, mas para caminhar ao lado. Pois falha seria a intuição que não conseguisse perceber e acolher os resultados científicos, que não acolhesse as leis que regem a matéria e até mesmo levantar questionamentos. Se não procedesse assim, essa intuição seria fantasiosa. A Filosofia é convidada a acolher os resultados das ciências positivas, elas não são opostas, mas concorrem para a mesma realidade, partindo de métodos diferentes. A intuição filosófica que se encontra com o saber científico e com ele aprofunda o conhecimento das coisas não alcançou uma unificação da experiência exterior, "pois o filósofo não veio até a unidade, partiu dela" (BERGSON, 2006, p. 144).

É interessante notar o quanto a noção de Filosofia e Ciência para o autor é reconciliadora, no sentido de ver uma positividade nessa relação que muitas vezes é separada injustamente. Não que com isso ele deseje simplesmente um saber mais universal, mas um contato com o que, de fato, é a realidade que permeia a vida humana. Tal saber se qualifica, em nosso assunto tratado, por esta dupla vertente: material e espiritual. A Filosofia pode auxiliar o homem a perceber essa relação de complementaridade, mas só quando ela também assim o percebe, tanto pela intuição filosófica, quanto pela valorização das ciências. A proximidade, quando respeita os diferentes métodos, pode ser fecunda. A Filosofia ainda pode auxiliar em especial os seguidores das ciências que possuem um olhar voltado somente para a matéria, ampliando o campo de visão destes. Podemos, agora, expor algumas contribuições que a Filosofia pensada a partir da intuição filosófica e em relação sadia com a Ciência pode oferecer.

41 BERGSON, 2006, p. 144.

42 Essa informação é apresentada a título de exemplificação. Não aprofundaremos no assunto da relação entre percepção e ação. Para aprofundamento ver: BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 11-81.

4. Algumas implicações da concepção bergsoniana de Filosofia

Após esse percurso traçado, em que apresentamos algumas características da Filosofia bergsoniana, seja positivamente a partir do que ela é, seja negativamente através de sua diferenciação com a Ciência, podemos retirar formulações práticas que surgem desse peculiar modo de pensar a Filosofia. É de grande interesse fazermos isso porque devolveremos à Filosofia e ao homem muita coisa que dele foi retirada quando se pensa a Filosofia fora da duração, quando somente se considera a expressão científica do conhecimento, ou quando se transpõe o método da Ciência para a Filosofia. Seja como for, é intenção de Bergson fecundar a vida humana com a Filosofia assim pensada, além de resgatar uma positividade em sua relação com a Ciência. Esboçaremos algumas das principais inferências bergsonianas sobre sua concepção de Filosofia e os grandes benefícios de pensar a vida em sua mobilidade real.

Nosso autor buscou uma aproximação entre pensamento filosófico e simplicidade. Isso é feito porque ele acredita que não é função da Filosofia a complicação. Ele afirma que a complicação é superficial, não atinge o fundamento do que as coisas são. É possível afirmar que a Filosofia é um ato simples porque a intuição filosófica é algo simples⁴³. Mas essa simplicidade não significa facilidade de expressão da mesma, muito menos simploriedade. É simples porque está em estreita relação com a vida humana. "Quanto mais nos imbuirmos dessa verdade, tanto mais nos inclinaremos a fazer a filosofia sair da escola e a reaproximá-la da vida." (BERGSON, 2006, p. 145). Este é outro desejo de Bergson: aproximar a Filosofia da vida. Por isso é necessário a simplicidade, pois a complicação dificultaria a percepção da maior parte das pessoas em reconhecer o quanto o saber filosófico já se faz presente em suas vidas. Caso contrário, ela ainda ficaria restrita à academia, aos centros de estudo e dificilmente reaproximaria os homens da duração. A escola é um local importante para a reflexão filosófica, mas se ela não rompe seus muros perderá sua potência de fecundidade. Esse caminho que parte de uma compreensão da Filosofia como um ato simples, que visa uma ampliação de seu campo de atuação, não permanecendo apenas nas escolas e universidades, além de proporcionar um saber que é do espírito, oferece aos homens uma maior acessibilidade à Filosofia. Mais que uma disciplina a ser estudada, ela se transfiguraria em uma atitude de vida acessível a todos que conservam saúde mental. Ser filósofo não se reduz estritamente a quem estuda Filosofia, mas abrange todos aqueles que desejam ter suas vidas transfiguradas e imersas na verdadeira mobilidade.

43 BERGSON, 2006, p.145.

4.1 Dissolução de falsos problemas

Bergson também alerta que desconsiderar a Filosofia assim concebida é desconsiderar a verdadeira duração em que estamos inseridos. Ao agir assim, evocamos para nossa reflexão uma grande quantidade de falsos problemas que são colocados quando desconsideramos a mobilidade da vida, tomando o devir por um arranjo de imobilidades justapostas⁴⁴. Isso é muito cômodo, pois não exige de nós o esforço da intuição, mas também reduz nosso conhecimento apenas às estruturas da matéria. Em geral, esses falsos problemas se associam com a complicação da vida e com o voltar o olhar apenas para a realidade da matéria. Procedendo assim, desviamos nossa atenção do conhecimento que pode nos oferecer sentido. Mas aqui falamos de um sentido que partilha o real da experiência em que estamos inseridos. O autor utilizou a imagem da borboleta⁴⁵ para falar desses falsos problemas. A borboleta é esse ser que tem a capacidade de voar e isso é necessário para que o ciclo de sua vida se complete, pois assim se garantirá, por parte do inseto, as condições para a perpetuação de sua espécie. Antes de chegar a ser borboleta, ela é uma lagarta que se alimenta intensamente a fim de ter energias para se colocar no processo de metamorfose. O estado intermediário entre lagarta e borboleta é o da crisálida. Bergson compara os falsos problemas com esse estado da crisálida. Ao se deter sobre a crisálida, buscando descrever suas estruturas externas e internas, e se contentar com sua descrição, podemos aprisionar a própria borboleta e colocar na fixidez do envoltório o sentido da mesma. O apelo do autor é o de não se deter apenas na casca estável que envolve esse ser vivo, mas deixar que a crisálida seja borboleta, restituindo assim o movimento. *“Quem sabe se os “grandes problemas” insolúveis não ficarão na película? Não concerniam nem ao movimento nem à mudança nem ao tempo, mas apenas ao envoltório conceitual que tomávamos falsamente por aqueles ou por um seu equivalente”* (Id, 2006, p. 11).

Ainda falando sobre os falsos problemas filosóficos, o autor propõe que o esforço da intuição filosófica pode exorcizá-los. Alguns desses problemas são tão angustiantes e insolúveis que deixam o homem curvado diante do real, mas uma atitude de curvatura que não permite uma mirada no horizonte, que volta o olhar para postos específicos e estáticos. Temos exemplo desses falsos problemas quando, por conseguinte, nos voltamos para a questão do saber “como é possível que algo exista?” e passamos indefinidamente de causa em causa na tentativa de compreender a origem do ser.

44 Bergson, 2006 p. 146.

45 Ibid., p. 10-11.

Também a questão “qual é a ordem do mundo?” nos projeta para uma busca de compreensão da ordem que, muitas vezes em nossa suposição, sobrepõe a uma desordem. Mas essas questões estão demasiado distantes da experiência humana quando apenas as buscamos compreender⁴⁶. Bergson afirma que essas são as duas questões e problemas⁴⁷ centrais que assolaram a Metafísica, com desdobramentos na teoria do ser e na teoria do conhecimento. Não basta somente compreensão, pois permaneceremos em problemas insolúveis. Quem sabe se, antes, buscarmos simpatizar com as coisas, com a vida esses supostos problemas deixarão de ser problemas. É aí que a Filosofia, a partir da intuição, pode nos ajudar a superar questões mal colocadas. O exemplo do duvidador⁴⁸ ainda pode aclarar-nos mais quanto ao desvencilhamento dos falsos problemas. Nesse exemplo temos uma pessoa que, ao sair de casa, duvida que tenha fechado direito sua janela e volta para fechá-la. Depois disso ele verifica sua verificação e assim, de verificação em verificação, permanece preso a essa questão. Se ele é um filósofo, essa atitude será transposta para sua própria reflexão ao colocar em dúvida a certeza de suas conclusões de modo quase doentio. Bergson nos diz sobre a vontade e que nesses casos, como no exemplo do duvidador, há uma meia vontade de se resolver esse problema e todo trabalho realizado oferece apenas meia certeza. Encontra-se meia certeza porque é isso que foi buscado. Ele continua: “Agora, o problema que esse homem se põe, acaso nós o resolvemos? Evidentemente não, mas nós não o pomos: aí reside nossa superioridade.” (*Id.*, 2006, p. 69). Quando há o compromisso em simpatizar com as coisas, pela intuição, deixamos de colocar esses insolúveis e falsos problemas que assolam a Filosofia.

Há uma tentativa de resgatar o homem do estado de fixidez em que a maior parte dos problemas filosóficos se encontram e o colocam. No fundo, Bergson acredita que a restituição da mobilidade pode dissolver esses falsos problemas e tornar a vida mais autêntica, a Filosofia mais simples e mais próxima da vida. Ele acrescenta: “*Sem dúvida, a intuição comporta muitos graus de intensidade, e a filosofia muitos graus de profundidade; mas o espírito que tivermos reconduzido para a duração real já viverá a vida intuitiva, e seu conhecimento das coisas já será filosofia.*” (*Id.*, 2006, p. 146). Aí está a proximidade de que falamos. Uma vida que leva em consideração a intuição é uma vida que naturalmente já será filosofia e ocupará academias e lares, habitará em livros e em pessoas. Ao contrário de uma vida inerte, será uma vida que se instalará na incomensurável fluidez. Esse deslocamento de perspectiva também pode reaquecer e

46 BERGSON, 2006, p. 68.

47 *Ibid.*, p. 110-114.

48 *Ibid.*, p. 69.

iluminar a vida humana, na medida em que esta é reconduzida à mobilidade⁴⁹.

4.2 Considerações finais: a vida imersa na duração

Já é sabido que a Filosofia, quando assume o método da Ciência, colabora com a eliminação desses problemas que são insolúveis. Isso é um processo antigo. Se remontamos à filosofia de Platão, perceberemos que as ideias são fixidez e eliminam o movimento da realidade. Isso é necessário porque as ideias se situam na eternidade, na imutabilidade. Colocando-as na fixidez se elimina o tempo. Temos, em Platão, uma resposta ao que é o mundo físico: imagem móvel da realidade, mas uma mobilidade que é corrupção e não novidade construtiva. Há uma herança desse modo de pensar o tempo que é percebida em vários momentos do desenvolvimento do pensamento filosófico. Pensa-se o tempo, enquanto mobilidade, em relação com a eternidade⁵⁰. “Pensar em duração é separar-se desses magníficos palácios de ideias que são os sistemas, é rejeitar as abstrações gloriosas e as construções nas quais elas têm lugar.” (VIEILLARD-BARON, 2007, p. 74.).

A inteligência nos ajuda a organizar o mundo também para a nossa comodidade. Isso é bom. Mas se não ultrapassarmos a pura comodidade não nos aproximaremos da vida em movimento. Viveremos na artificialidade do comodismo e aí fundaremos o sentido para a vida. Só que, com isso, habitaremos em um mundo que é frio, escolheremos permanecer na sombra a ficar com a realidade⁵¹. A eternidade será o ilusório porto seguro, enquanto a mobilidade da vida será ameaçadora, não oferecerá segurança. Esse comodismo mais se assemelha a um presente que sempre se recomeça, em conflito com o passado de vagas e distantes lembranças. Bergson nos chama a recuperar o mundo exterior como ele é: um passado que se prolonga no presente sem se justapor. “[...] *habitue-mos, numa palavra, a ver todas as coisas sub specie durationis [...]*” (Id, 2006, p.148). Com esse novo olhar, nova vida será insuflada em nós. Uma vida que é elástica, que não se fragmenta em momentos vividos, mas apresenta uma unidade de vida e de conhecimento.

Enfim, o ser humano terá uma nova relação com sua vida, a Filosofia terá nova relação com a Ciência. Trabalhando juntas intuição e inteligência, como faculdades do espírito humano, projetarão o homem para um conhecimento integrado da realidade que experimentamos. Assim, a Filosofia “Desse modo, tornar-se-ia complementar da ciência na prática tanto quanto na especulação.

49 BERGSON, 2006, p. 147.

50 VIEILLARD-BARON, 2007, p. 74.

51 BERGSON, 2006, p. 148.

Com suas aplicações que visam apenas à comodidade da existência, a ciência nos promete o bem-estar, no máximo o prazer. Mas a filosofia já nos poderia dar a alegria.” (BERGSON, 2006, p. 148). E essa alegria se tornará acessível a todo aquele que busca se inserir na duração. Não desprezamos o prazer e a comodidade proporcionados pela Ciência, são importantes para nossa existência e nossa organização no mundo, mas esperamos da Filosofia a alegria como fruto de uma vida permeada de sentido e inserida na duração. Uma alegria acessível a todos quantos se dispõem ao exercício do filosofar, não a uns poucos e privilegiados que têm acesso aos benefícios dos avanços científicos.

5. Bibliografia

BERGSON, Henri. *O Pensamento e o Movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Coleção Tópicos.

_____. *La Pensée et le Mouvant*. 16.ed. Paris: Quadrige, 2009.

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994. (Coleção Filosofia, 31).

VIEILLARD-BARON, Jean Louis. *Compreender Bergson*. Petrópolis: Vozes, 2007.

WORMS, Frédéric. *Le vocabulaire de Bergson*. Paris: Ellipses, 2000.